

PRÁTICAS DA  
HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,  
AND USES OF THE PAST

N.º 7 - 2018



Recensão a *La Révolution russe,  
une histoire française: lectures et  
représentations depuis 1917,*  
de **Éric Aunoble**

---

Daniela Major

*Práticas da História*, n.º 7 (2018): 262-267

[www.praticasdahistoria.pt](http://www.praticasdahistoria.pt)

Éric Aunoble

*La Révolution russe, une histoire  
française: lectures  
et représentations depuis 1917*

Paris: La Fabrique éditions, 2016, 255 pp.

Daniela Major\*

Aproveitando o centenário da Revolução Russa, os últimos dois anos assistiram a um reavivar do interesse académico, mediático e literário sobre o acontecimento. Assistimos à publicação de várias obras como *Russia in Revolution: an Empire in Crisis, 1890-1926* de Steven Smith (Oxford University Press, 2016), *The House of Government: A Saga of the Russian Revolution* de Yuri Slezkine (Princeton University Press, 2017) ou ainda *The Last of the Tsars: Nicholas II and the Russian Revolution* (Pegasus Books, 2017) do prolífico Robert Service. O eco da Revolução também se fez sentir na imprensa com diversos jornais a publicarem artigos de fundo sobre o centenário e sobre as figuras mais proeminentes da Revolução. Noutro campo, em 2017, museus como o *Tate Modern* ou o *Deutsches Historisches Museum* organizaram exposições relacionadas com os temas da Revolução e da União Soviética. Em França, *La Contemporaine*, um centro de arquivos, museu e biblioteca especializado no período contemporâneo, organizou uma exposição nos Invalides sobre os eventos revolucionários que continha, inclusivamente, uma secção sobre a Revolução vista de França. Até o romance histórico aproveitou o espírito do centenário: *A Gentleman in*

\* NOVA-FCSH.

*Moscow* de Amor Towles (Viking, 2016), um romance sobre um aristocrata que vive a Revolução, tornou-se um *bestseller* em diversos países.

É neste contexto que devemos inserir a obra de Éric Aunoble, *La Révolution russe, une histoire française: lectures et représentations depuis 1917*. Publicado em 2016, o livro é uma tentativa de resumir e analisar a recepção pela sociedade francesa no século XX da Revolução Russa de 1917. Esta é revisitada, simultaneamente, como momento revolucionário e gênese de um novo tipo de Regime político e social. Éric Aunoble, especialista em História Cultural no período soviético, escolhe concentrar-se nas representações culturais e historiográficas da Revolução, prestando especial atenção aos instrumentos de divulgação e circulação das ideias, como panfletos, livros de História, memórias. No campo das artes visuais, Aunoble está especialmente interessado no cinema, havendo uma clara preferência por esse meio em detrimento de outros que seriam igualmente interessantes de explorar, como a música, a pintura ou a arquitectura.

A preferência pela análise das representações culturais e ideológicas da Revolução enquadra-se numa divisão de capítulos que tem em conta, essencialmente, os acontecimentos políticos. Assim, o primeiro capítulo analisa os anos que vão de 1917 a 1939, período que Aunoble define como “une révolution méconnue”. Esta primeira fase da recepção da Revolução caracteriza-se pelas informações contraditórias que chegavam da Rússia, fazendo com que a opinião pública dependesse de testemunhos de franceses que lá se encontravam e que simpatizavam com a Revolução (como Victor Serge) ou de outros estrangeiros que documentaram os acontecimentos (como John Reed). Estabelece-se a ligação entre a Revolução Russa e Revolução de Outubro, o que resultou numa secundarização dos acontecimentos revolucionários de Fevereiro. Por outro lado, assistimos a uma rápida polarização das opiniões, com os sectores mais à direita a apoiarem-se nos testemunhos dos exilados russos para alertar contra o perigo bolchevique. A extrema-direita engendra a teoria da conspiração anti-semita que terá ampla divulgação nos sectores fascistas a partir dos anos 20.

A segunda parte do livro inicia-se com o fim da Segunda Guerra Mundial e a entrada na Guerra Fria. Encontramo-nos aqui num

momento em que as representações culturais da Revolução Russa são dominadas pelo Partido Comunista Francês cuja proeminência política cresceu nos anos da Guerra. A ligação do PCF à política estalinista não abria espaço para desvios de uma linha orientadora que apresentava o estalinismo como uma consequência natural, de carácter quase determinista, da Revolução de Outubro. Contudo, à medida que os anos vão avançando e o clima de Guerra Fria se adensa, as redes anticomunistas vão crescendo em influência através de intelectuais como Raymond Aron e Boris Souvarine, que argumentam que a verdadeira revolução ocorreu em Fevereiro, remetendo a Revolução de Outubro para a condição de golpe de Estado. Este período assiste também à publicação de *Doutor Jivago*, obra a que Aunoble atribui grande importância, não apenas pela sua ampla divulgação na literatura e no cinema, com o filme homónimo, mas também porque a obra atravessa o período revolucionário, chamando a atenção para o ambiente vivido durante o mesmo.

O terceiro capítulo lida com o antes e o depois do Maio de 68. O autor conclui que a década de 60 foi marcada por uma renovação historiográfica que se exprimiu em diversas vertentes. Por um lado, a morte de Estaline resultou numa certa aproximação entre França e a União Soviética, assim como no envio de doutorandos e investigadores à URSS, onde tiveram acesso a alguma documentação que antes era impossível de conseguir. Do ponto de vista historiográfico, os dissidentes de esquerda começam a destacar-se na construção de uma História que se afastava da linha imposta pelo PCF e pela sua tradição estalinista. Por outro lado, sentia-se a influência dos *Annales*, procurando-se fazer uma História social da Revolução, distanciando a historiografia do estudo das grandes personalidades revolucionárias, ao mesmo tempo que se pretendia desmistificar alguns aspectos da Revolução, como a natureza do poder dos soviets, a noção de Revolução Proletária e o papel do partido bolchevique na construção do Estado revolucionário. O Maio de 68 contribuiu igualmente para a expansão do debate sobre a Revolução Russa, subtraindo-o ainda mais ao monopólio do PCF. Este, aliás, mantinha-se dogmático, e assim abria espaço a iniciativas

extrapartidárias, como exposições, conferências e livros promovidos por pensadores políticos e intelectuais de diversos quadrantes políticos.

A quarta e última parte debruça-se sobre os últimos trinta anos do século XX. Aunoble sinaliza aqui dois marcos das representações culturais da Revolução: a obra de Soljenitsin, publicada ao longo das décadas de 60 e 70, e a publicação do *Livre Noir du Communisme*, em 1997. Aunoble sublinha que a crítica de Soljenitsyne não visava apenas o Estalinismo mas também o comunismo como um todo, tomando como alvo a figura de Lenine. Entramos assim num processo de questionamento das origens do pensamento marxista-leninista que irá estender-se além da queda do Muro de Berlim. É já após o fim da União Soviética que surge o *Livre Noir du Communisme*. Na sua análise da obra, Aunoble escolhe como foco o pensamento de François Furet, que, dois anos antes, em 1995, tinha escrito um ensaio sobre a ideia comunista no século XX onde tentara diminuir a importância da Revolução de Outubro, reduzindo-a a um “putsch rendu possible par l’occasion” (p 153). Segundo Aunoble, foi também Furet que popularizou a noção de crime ligada ao comunismo, ideia essa que será vastamente ampliada no *Livre Noir*. Aunoble argumenta que a divulgação desta obra, cujo eco na opinião pública foi bastante elevado, abriu portas a novas representações da Revolução Russa que se tornaram dominantes no espaço público. Esta é, como lhe chama Aunoble, a era das vítimas. A narrativa passou a ser a feita do ponto de vista não apenas das vítimas da Revolução de Outubro, mas de todos aqueles que sofreram, ao longo do século XX, a repressão dos regimes auto-proclamados comunistas ao longo do século XX.

*La Révolution Russe, une histoire française* é, assim, um sugestivo resumo das representações historiográficas da Revolução Russa em França. Aunoble conclui que estas representações interessavam a uma elite política e intelectual, composta tanto por militantes comunistas como por adversários anticomunistas. A leitura da obra torna claro que a Revolução não foi uma preocupação da maioria da opinião pública francesa ao longo do século XX. Ao mesmo tempo, todavia, é evidente que, se a Revolução Russa não era alvo de aprofundada discussão fora

de círculos específicos, o comunismo e a União Soviética ocupavam um lugar importante nos jornais, na literatura e no cinema. É por vezes difícil fazer a distinção entre o que constitui as representações e interpretações da Revolução Russa e o que pretende ser uma representação do regime soviético. Simultaneamente, apesar de Aunoble se propor a traçar uma história cultural através das leituras e representações, é dada uma clara preferência às leituras historiográficas. Este estudo corre assim o risco de se tornar, por vezes, um resumo da historiografia francesa relativamente à Revolução Russa. Mesmo no campo da literatura, pese o destaque atribuído a Pasternak e a Soljenitsyne, sente-se a ausência de autores como Bulgakov e Vassili Grossman.

Por outro lado, apesar da grande pertinência das análises, estranha-se algumas das escolhas e, sobretudo, algumas ausências. Aunoble dedica algumas páginas a Albert Mathiez e a Albert Soboul, ambos historiadores, ambos ligados ao Partido Comunista Francês. No último capítulo do livro, como tivemos oportunidade de ver, é dada ampla voz a François Furet. Todos estes homens se destacaram como historiadores da Revolução Francesa, e as respectivas interpretações sobre esse evento marcaram a historiografia revolucionária. Furet participou activamente no Bicentenário da Revolução em 1989, impulsionando a historiografia revisionista. Nos casos de Mathiez e Soboul é admitida a ligação entre o estudo da Revolução Francesa e a interpretação que ambos faziam da Revolução Russa, mas no caso de Furet esse aspecto é mencionado apenas muito superficialmente. Ainda assim, é perfeitamente possível argumentar que as leituras da Revolução Francesa em França durante o século XX foram influenciadas pelos acontecimentos externos, nomeadamente pela expansão do comunismo e o deflagrar de várias revoluções de cariz socialista. Poderia então ser concedida maior atenção a este aspecto, pois através do estudo de uma revolução nacional – a francesa – poderia entrever-se leituras e representações da Revolução Russa.

Em suma, o livro de Aunoble constitui um importante ponto de partida para o estudo das interpretações e representações da Revolução Russa em França, podendo, inclusivamente, através dele, partir-se para

o estudo das representações da Revolução noutros países Europeus. Não se trata, todavia, de um estudo exaustivo no campo das representações culturais, nem inclusivo de representações mais diversas, ficando um pouco aquém dos objectivos propostos pelo próprio autor na Introdução.

**Referência para citação:**

Major, Daniela “Recensão a *La Révolution russe, une histoire française: lectures et représentations depuis 1917* de Éric Aunoble.” *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 5 (2017); 262-267.